

A variação intralinguística nas expressões idiomáticas sinônimas em português do Brasil e francês da França

The intralinguistic variation in synonym idioms in Brazilian Portuguese and French from France

Claudia Xatara*

Márcia Maria Otoubo dos Santos**

RESUMO: As expressões idiomáticas de uma língua são elementos que nos revelam diversas formulações fraseológicas para manifestar metáforas análogas e, dessa forma, encontramos as séries sinonímicas: expressões que possuem variações mas têm a mesma significação. Tendo como *corpus* o DEIPF – *Dicionário de expressões idiomáticas português do Brasil e de Portugal – francês da França, da Bélgica e do Canadá* (XATARA, 2013), propomos uma análise de variações decorrentes de diferentes pontos de vista sobre esse fenômeno linguístico: as variações paradigmáticas (lexicais, como de substantivos e verbos), diafásicas (de registro de língua) e pragmáticas (de valor funcional) das expressões idiomáticas no português do Brasil e francês da França. As variações nos elementos constitutivos dessas expressões são possíveis, pois elas se manifestam como unidades fraseológicas apenas semicristalizadas, estratificadas sob graus de cristalização diversos, sendo a necessidade expressiva e a situação comunicacional fundamentais para a escolha da expressão.

PALAVRAS-CHAVE: Expressão idiomática. Fraseologia. Sinonímia. Variação.

ABSTRACT: Idioms of a language are elements that reveal different phraseological formulations in order to express analogue metaphors. Therefore, we find synonymic networks, that is, idioms that have variations, but the same meaning. Based on the entries and respective equivalents listed in the *DEIPF – Dicionário de expressões idiomáticas português do Brasil e de Portugal – francês da França, da Bélgica e do Canadá* (XATARA, 2013) we aim to analyze variations resulting from different points of view on this linguistic phenomenon: paradigmatic variations (lexical, like nouns and verbs), diaphasic variations (language register) and pragmatic variations (functional values) of idioms in Brazilian Portuguese and French from France. The variations in the constitutive elements of these expressions are possible because they manifest themselves as semicrystallized phraseological units, stratified under different degrees of crystallization. The expressive necessity and the communicative situation are fundamental elements in the process of choosing the expression.

KEYWORDS: Idioms. Phraseology. Synonymy. Variation.

1. Introdução

As expressões idiomáticas (EIs), segundo a definição de Xatara (1998), são unidades fraseológicas representadas pelas lexias complexas conotativas, abundantemente empregadas na linguagem corrente. Essas expressões são tradicionalmente consideradas estáveis e cristalizadas. Porém, ao contrário do que dizem os estudos tradicionais (GROSS, 1982), as EIs

* Profa. Livre-Docente da UNESP/IBILCE – São José do Rio Preto.

** Estagiária de Iniciação científica da FAPESP-UNESP/IBILCE/Curso de Tradutor - São José do Rio Preto.

são abundantemente empregadas com variações e nos propusemos, neste trabalho, a fazer um levantamento dessas expressões que possuem uma rica rede sinonímica (cerca de 600 expressões) no cerne de uma língua, com o objetivo de estudar as variações latentes nesse conjunto de unidades consideradas estáveis.

Utilizamos como *corpus* as 1.500 entradas em português do Brasil e seus respectivos equivalentes em francês da França presentes no DEIPF - *Dicionário de expressões idiomáticas português do Brasil e de Portugal – francês da França, da Bélgica e do Canadá* (XATARA, 2013), com base em trabalhos que fundamentam apenas a estabilização estrutural e semântica relativa dessas expressões, abordando suas variações intralinguísticas.

A existência das EIs sinônimas não é rara dentro de uma língua, revelando uma necessidade do usuário de se referir a situações utilizando criações figuradas e pitorescas. Essas expressões similares não possuem a mesma intersecção, pois não são intercambiáveis em todos os contextos, sob as mesmas condições de uso, com o valor expressivo (intensivo, melhorativo, pejorativo etc) e o nível de linguagem (coloquial, culto, vulgar etc). Em razão disso, o termo mais adequado para classificar essas expressões seria “parassinônimo”, mas o mesmo não será utilizado, uma vez que o termo mais amplamente empregado nos estudos linguísticos é “sinônimo”, apesar de haver a possibilidade de variação.

Um dos primeiros pesquisadores a chamar atenção para o caráter variacionista das EIs foi Corpas Pastor (1996). Para essa fraseóloga, as variações nos idiomatismos e todas as outras unidades fraseológicas seriam uma característica natural e não excepcional, sempre possíveis, embora com restrições, por apresentarem diferentes graus de cristalização. Desse modo, a cristalização dessas expressões descreve, muitas vezes, apenas uma estabilização estrutural e semântica relativa (MEJRI, 2003; LAMIROY; KLEIN, 2005; CLAS; GROSS, 2008; PETIT, 2009), que favorece as variações nessas unidades consideradas cristalizadas, nos estudos fraseológicos tradicionais. Sob esse ângulo, temos a distinção de García-Page (2008) dos termos “variante” de um fraseologismo considerado original, onde essa unidade lexical complexa tem apenas uma mudança formal e é empregada automaticamente, e “variação”, quando a expressão se refere a uma criação individual, mas que nunca será empregada como substituta da formulação canônica. Neste trabalho, foram abordadas apenas variações no sentido de mudanças que acontecem dentro da EI, que a transformam em uma EI sinônima. Em uma série sinonímica de uma EI, sempre haverá aquelas que são mais usuais, cuja significação

é rapidamente recuperada pelo usuário, e aquelas que são menos usuais, cuja significação é inferida pela significação das expressões “originais”.

2. Metodologia

Nossa pesquisa foi orientada pelo método descritivo-analítico, tendo sido feito, primeiramente, o levantamento das EIs sinônimas por meio de análise descritiva das entradas e seus equivalentes que constam no DEIPF, com a seleção das entradas em português do Brasil que apresentam **no mínimo três** expressões similares ou equivalentes intralinguísticas. Assim, “aparar as arestas” (que não tem outra expressão sinônima) ou “ave de mau agouro” (que possui apenas um sinônimo: “mensageiro do apocalipse”) não foram consideradas nesta análise.

O método comparativo para classificar as EIs equivalentes foi o principal meio para que fossem feitas as observações. Primeiramente, em relação às EIs em português do Brasil, classificamos os tipos de variação, segundo os diferentes critérios adotados, porque julgamos serem essas variações as mais produtivas:

- 1) as variações lexicais (sobretudo com alterações de substantivos e verbos nas EIs) deram-nos uma listagem de sinonímia idiomática no nível paradigmático da linguagem;
- 2) as variações de registro de língua, análise de caráter sociolinguístico, revelaram nuances diafásicas relevantes para a escolha pelo usuário da expressão mais adequada;
- 3) e as variações funcionais, que de acordo com os estudos pragmáticos puderam ser detectadas e já constavam no *corpus* consultado. Com o levantamento desse caso, tivemos a intenção de ressaltar as sutilezas do emprego funcional de expressões tidas como sinônimas mas que na verdade não são intercambiáveis em todos os contextos.

Uma vez estabelecido o quadro das variações mais significativas no conjunto de idiomatismos analisado, voltamo-nos aos equivalentes no francês da França, para verificar se ocorria ou não o mesmo fenômeno varicionista.

3. Resultados

No que diz respeito às expressões sinônimas encontradas, pudemos constatar variações lexicais, essencialmente paradigmáticas, sem nenhum motivo aparente. Nesses casos, as expressões são empregadas por qualquer tipo de usuário, em um mesmo registro de língua, atingindo os mesmos objetivos, sejam eles expressivos, comunicativos ou funcionais, porque os contextos do uso dessas EIs, ilustrados no DEIPF, mostram-se muitíssimo próximos. Dentro

dessas variações paradigmáticas, encontramos variações de substantivos (ex: “dar corda” / “bola” / “trela”), variações de verbos (ex: “botar” / “colocar” / “pôr a mão na massa”) ou variações de verbo e substantivo na mesma expressão (ex: “botar” / “colocar” / “pôr na linha” / “nos trilhos”).

Alguns exemplos de variações de substantivo no português do Brasil e francês da França:

dar bola / corda / trela	<i>faire de l'oeil à / les yeux doux à</i> [os equivalentes franceses também apresentam variação de substantivo]
dar brecha / lado / margem	<i>donner des verges pour se faire battre, donner prise, prêter le flanc, tendre le bâton</i>
é canja / fichinha / mole / moleza / sopa	<i>c'est du billard / du gâteau</i> [há variação de substantivos também no francês]
fazer o que lhe der na cabeça / na telha / na veneta	<i>n'en faire qu'à sa tête</i> [somente um equivalente em francês]
perder o chão / o norte / o rumo	<i>perdre la boussole / la carte / le nord</i> [os equivalentes em francês também apresentam variação de substantivos]
trazer à baila / luz / tona	<i>mettre au jour / en lumière</i> [no caso do francês, a mudança ocorre em advérbios]
tocar a vida (pra frente) / o barco / o bonde	<i>faire tourner la boutique, aller / continuer / (pour) suivre son (petit) bonhomme de chemin</i> [nos três últimos exemplos há variação de verbos]

Apenas variações de verbos:

botar / colocar / pôr a mão na massa	<i>mettre la main à la pâte</i> [somente um equivalente em francês]
botar / colocar / pôr um ponto final	<i>mettre un point final</i> [somente um equivalente em francês]
cair / estar / ficar de cama	<i>être cloué au lit, être sur le flanc, garder la chambre / le lit</i> [apenas os dois últimos exemplos apresentam variação de substantivo]
colocar-se / estar / pôr-se na pele	<i>être / mettre [se] dans la peau</i> [também há variação de verbos no francês]

Ou os dois tipos de variação, substantivo e verbo, na mesma EI:

botar / colocar / pôr na linha / nos trilhos	<i>faire rentrer dans les rangs, mettre au pas</i> [os equivalentes em francês apresentam apenas expressões similares]
--	--

nadar / remar contra a corrente / a correnteza / a maré	<i>aller à contre-courant / à contre temps, remonter le courant</i>
---	---

Além das variações paradigmáticas, existem dentro dessa rede sinonímica outros tipos de variações, como as que ocorrem em razão do grupo de usuários. analisamos as variações diafásicas, cuja escolha leva em consideração o registro de língua considerado adequado na situação conversacional. Não tratamos em nossa de variações diastráticas ou diatópicas, pois o dicionário que constitui nosso *corpus* apresenta apenas expressões utilizadas na atualidade e não leva em conta expressões marcadamente regionais. Primeiramente, temos que entender que os registros de língua são uma abstração para que possamos dar conta do fenômeno da variação diafásica (ARRIVE, GADET e GALMICHE, 1986) e que as dificuldades terminológicas são bem evidentes para nomear esses registros e depois classificar o uso lexical de acordo com essa divisão (GADET, 1998). No caso das EIs, a maioria delas se situa no registro padrão, também chamado de registro corrente, usual, etc., ou no coloquial, quando as expressões são utilizadas em situações conversacionais informais, quando se tem uma certa intimidade com o interlocutor, uma vez que elas se expandem na linguagem cotidiana. Existe uma distinção muito nítida, por exemplo, entre os registros formal e vulgar, mas percebemos uma distinção mais imprecisa entre os registros padrão e coloquial.

Alguns exemplos:

fazer pouco (caso), não dar a mínima, não dar bola, não estar nem aí, não ligar a mínima, estar se lixando [coloq.] estar cagando e andando, estar pouco se fodendo [vulgar]	<i>faire peu de cas de</i> [coloq.], <i>fiche [s'en] comme de l'an quarante</i> [coloq.], <i>n'en avoir rien à battre (de)</i> [coloq.], <i>n'en avoir rien à branler</i> , <i>n'en avoir rien à cirer</i> [coloq.], <i>n'en avoir rien à foutre</i> , <i>n'en avoir rien à péter</i> , <i>n'en avoir rien à secouer</i> [coloq.], <i>traiter par dessus la jambe</i> [coloq.].
cruzar os braços, ficar de papo pro ar [coloq.] çoçar o saco [vulgar]	<i>coincer la bulle</i> , <i>croiser [se] les bras</i> , <i>tourner [se] les pouces</i>

Para ilustrar esse tipo de variação, temos uma série de expressões sinônimas que expressam a imagem relativa à ação de não se preocupar, não se importar: “fazer pouco (caso)”, “não dar a mínima”, “não dar bola”, “não estar nem aí”, “não ligar a mínima”, “estar se lixando” (um primeiro grupo de expressões) e “estar cagando e andando”, “estar pouco se fodendo”

(um segundo grupo). Percebemos aqui uma variação lexical, como em “não dar” / “ligar a mínima” e “estar se lixando” / “cagando e andando” / “pouco se fodendo” (verbos). Neste caso, a variação não está relacionada apenas ao léxico, mas também ao registro de língua, uma vez que, ao escolher verbos como “dar” / “ligar” / “lixando”, o usuário permanece no registro corrente, mas, ao utilizar “cagando e andando” e “fodendo”, o usuário passa a um registro vulgar. No caso do segundo exemplo, onde existem apenas expressões similares, percebemos que, ao utilizar as expressões “cruzar os braços” e “ficar de papo pro ar”, o usuário permanece no registro corrente, mas ao utilizar “coçar o saco”, ele passa para o registro vulgar da língua.

Por último, analisamos as variações que dependem da intenção comunicacional do falante, as variações pragmáticas. Nesse caso, o enunciador poderá escolher a expressão que permite responder com mais precisão e eficácia às suas intenções quando desejar dar à imagem exprimida um sentido eufêmico, intensivo, irônico, melhorativo ou pejorativo (MURA, 2012). Quando o falante escolhe a expressão que será utilizada, ele tem a intenção de atingir um objetivo comunicacional diante do interlocutor, tentando produzir um determinado efeito linguístico em seu discurso.

Seguimos com exemplos de variações pragmáticas:

a coisa está feia / ruça a coisa está preta = pej. o mar não está pra peixe = iron.	<i>c'est la galère pour</i> [há somente um equivalente em francês]
conversa mole história / conversa pra boi dormir = pej. história da carochinha = euf. conversa fiada = euf.	<i>aller ad patres, avaler son bulletin de naissance, casser sa pipe, descendre au tombeau, manger les pissenlits par la racine, partir les pieds devant, passer l'arme à gauche, perdre la vie, rendre l'âme</i> [os equivalentes em francês não possuem indicação de intenção]

Para ilustrar esse tipo de variação, temos um primeiro exemplo de expressões: “a coisa está feia” / “ruça”, “a coisa está preta” e “o mar não está pra peixe”, sendo que “a coisa está preta” tem um sentido pejorativo e “o mar não está pra peixe”, irônico. No caso do segundo exemplo, “história” / “conversa pra boi dormir” são pejorativas, enquanto “história da carochinha” e “conversa fiada” são eufêmicas, atenuando o que o usuário pretende dizer.

Ressaltamos aqui que os registros de língua e de valores pragmáticos já se encontram indicados na microestrutura do próprio dicionário utilizado como *corpus* neste trabalho, pois essas informações são pertinentes à função de codificação ou produção textual que este dicionário quer também assegurar.

Percebemos também, durante a pesquisa, que existem séries sinonímicas que apresentam os três tipos de variações – paradigmáticas, diafásicas e pragmáticas – constituindo, dessa forma, uma variação complexa dentro das EIs.

Para ilustrar essa variação complexa, indicamos uma amostra em português do Brasil e francês da França:

Variações paradigmáticas (ver as /), diafásicas e pragmáticas (entre colchetes) (as EIs que não possuem nenhuma marca pertencem simplesmente ao registro corrente)	
reduzir ao silêncio [culto; intens.] tapar / calar a boca [intens.] cortar a palavra	<i>clouer le bec, couper la parole / le sifflet, en boucher un coin, rabattre le caquet, river son clou, réduire au silence [culto]</i>
farinha do mesmo saco [pej.] vinho da mesma pipa [culto; pej.] do mesmo barro da mesma laia / estofo [pej.]	<i>de la même eau / étoffe, de même farine, du même tabac / tonneau</i>
ir a pique, cair por terra, dar com os burros n'água ir por água abaixo [intens.] ir pra(s) cucuia(s) [euf.] ir pro beleléu [intens.] ir pro brejo / buraco [intens.; pej.] dar em água de barrela [culto]	<i>aller [s'en] en eau de boudin, être / tomber à l'eau, tourner court, tomber dans le lac, tourner en eau de boudin</i>
encher a cabeça [intens.] encher a paciência [pej.] encher o saco [coloq. dist.; pej.]	<i>casser la tête / les bonbons / les burnes / les couilles / les noisettes / les oreilles / les pieds, chauffer les oreilles, chauffer les oreilles, courir sur le haricot, faire chier [vulg.], peler le jonc [coloq. dist.], pomper l'air, prendre la tête, scier le dos, taper sur les nerfs / le système</i>

4. Considerações finais

Primeiramente cabe ressaltar que este trabalho tornou-se viável no período de análise (um ano) e pôde apresentar assertivas mais seguras, somente porque o *corpus* utilizado traz diversos elementos previamente observados (pesquisas que consumiram décadas de estudos) e então descritos nos verbetes.

Pudemos perceber, então, que as EIs são apenas semicristalizadas, possibilitando variações intralinguísticas restritas no centro das EIs, que não são ocasionais e não revelam variação semântica. A maioria das expressões apresentam mudanças apenas em uma parte delas, mas existem também aquelas que são completamente reformuladas, com uma nova estrutura ou um outro léxico. Em todos os casos estamos, portanto, diante de sinônimos idiomáticos, sem significativa variação semântica.

E essa grande riqueza presente na rede sinonímica das EIs mostra a conscientização e criatividade do usuário de adequar sua fala à sua necessidade expressiva, possibilitando que ele selecione, dentre várias, a expressão que mais se adéqua ao contexto, considerando todos os elementos da situação conversacional. Esse princípio motivador da criação de EIs, assim como de outras unidades fraseológicas, enriquece constantemente a língua, possibilitando diversas formas de discursos.

Referências Bibliográficas

ARRIVÉ, M.; GADET, F.; GALMICHE, M. **La grammaire aujourd'hui**: guide alphabétique de linguistique française. Paris: Flammarion, 1986.

CLAS, A.; GROSS, G. Clases de figement des locutions verbales. In: CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 2008.

DANLOS, L. La morphosyntaxe des expressions figées. **Langages**, 63, p.53-74, 1981. **crossref** <http://dx.doi.org/10.3406/lgge.1981.1876>

GADET, F. Cette dimension de variation que l'on ne sait nommer. **Sociolinguistica** 12, Variationslinguistik/Linguistics of variation/la linguistique variationnelle. Tübingen: Niemeyer. p. 53-71.

GARCÍA-PAGE, M. **Introducción a la fraseología española**: estudio de las locuciones. Barcelona: Anthropos, 2008.

GROSS, M. Une classification des phrases figées du français. **Revue québécoise de linguistique**, v. 11, n. 2, p. 151-185.

LAMIROY, B.; KLEIN, J. R. Le vrai problème du figement est le semi-figement. **Linx**, 53, p. 135-154, 2005. **crossref** <http://dx.doi.org/10.4000/linx.271>

MEJRI, S. (Ed.). Le figement lexical. **Cahiers de lexicologie**, 82 : 1, 2003.

MEJRI, S. et al. **Le figement lexical**. Tunis: Ceres. p. 11-18.

MURA, G. A. **La fraseología del desacuerdo**: los esquemas fraseológicos en español y en italiano. Madrid, 2012. Tese (Doutorado) - Universidad Complutense de Madrid. Disponível em: eprints.ucm.es/16778/1/T33859.pdf

PETIT, G. Le mot: morphologie et figement. **Le Français moderne**, 1, 2009.

XATARA, C. **A tradução para o francês de expressões idiomáticas em português**. Araraquara, 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – FCL-UNESP.

XATARA, C. **Dictionnaire d'expressions idiomatiques portugais du Brésil et du Portugal - français de la France, de la Belgique et du Canada**. 2013. Disponível em: www.deipf.ibilce.unesp.br

Artigo recebido em: 28.02.2014

Artigo aprovado em: 24.04.2014

Domínios de Lingu@gem